



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4115>

IGREJA EM REDE E LITURGIA *ON-LINE*, É POSSÍVEL?¹

Network church and liturgy on-line, is it possible?

Júlio César Adam²

Iuri Andréas Reblin³

Marcelo Ramos Saldanha⁴

Resumo: Diante da pandemia da Covid-19, uma doença respiratória que tem o isolamento social como melhor forma de controle, as igrejas e religiões se viram impelidas a ocupar o espaço virtual, buscando a sobrevivência de seus cultos comunitários. Nesse contexto, o presente ensaio perguntará acerca da possibilidade de uma celebração comunitária em rede, usando a internet como meio. Para tanto, fará a contextualização de conceitos fundamentais como mídia, tecnologia e linguagem, para, então, pensar os elementos do culto *on-line*: o espaço, o tempo, o rito e a interação. Ao final, analisamos alguns casos de uso de tecnologia na celebração do culto ou serviço religioso, compreendendo como ela contribui para a fundamentação de uma forma de enfrentar os desafios trazidos a nós pela atual pandemia.

Palavras-chave: Culto. Celebração. Covid-19. Mídia. Tecnologia.

Abstract: Faced the pandemic of Covid-19, a respiratory disease that has social isolation as the best form of control, churches and religions were compelled to occupy virtual space, seeking the survival of their community services. In this context, this essay will ask about the possibility of a networked community celebration, using the Internet as a medium. Therefore, it will contextualize fundamental concepts such as media, technology and language, and then think about the elements of online worship: space, time, rite and interaction. At the end, we analyze some cases of use of technology in the celebration of the cult or religious service, understanding how it contributes to the foundation of a way to face the challenges brought to us by the current pandemic.

Keywords: Worship. Celebration. Covid-19. Media. Technology.

¹ O artigo foi recebido em 30 de julho de 2020 e aprovado em 11 de setembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutor. Faculdades EST. E-mail: julio3@est.edu.br

³ Doutor. Faculdades EST. E-mail: reblin@est.edu.br

⁴ Doutor. Faculdades EST. E-mail: Marcelo.saldanha@gest.edu.br

Introdução: a pandemia e a demanda de celebrar *on-line*

O ano de 2019 deixou no mundo um elemento que iria influenciar de maneira radical o ano seguinte. Um vírus da família do coronavírus (o SARS-CoV-2), cuja doença foi nomeada de Covid-19, surge na distante China e, num primeiro momento, parecia distante de nós, na América do Sul. Esse vírus, porém, transformou-se em pandemia, com impactos não experimentados ainda pela maioria das gerações contemporâneas. Altamente contagiosa e muito prejudicial para determinados grupos de pessoas, a Covid-19, também conhecida popularmente como “a nova gripe” ou “o novo coronavírus”, se espalha sem dar tempo para os órgãos de saúde desenvolverem uma vacina ou mesmo medicamentos para combater a doença. Com a previsão de implementação efetiva de uma vacina somente a partir de 2021, o único meio de frear seu avanço e evitar o colapso dos sistemas de saúde e a morte de inúmeras pessoas é o confinamento, o isolamento social e a quarentena. Por isso, seguindo protocolos mundiais (OMS), nacionais e locais (MS, decretos estaduais e municipais), religiões e igrejas, nomeadamente aquelas que se sentem responsabilizadas pela saúde das pessoas, decidem pelo cancelamento imediato de todas as atividades de aglomeração humana. Em vista dessa determinação e sem perspectivas claras do tempo de duração da pandemia, o mundo é obrigado a parar: indústria, serviços, lazer, educação e também as atividades das religiões e das igrejas.

Diante do contexto de isolamento, as práticas e as discussões no âmbito da mídia ganharam ainda mais importância, não só para a igreja, mas também para vários outros setores e âmbitos da vida social, comunitária, familiar e individual. Todas as pessoas precisaram reorganizar, de alguma forma, a sua maneira de viver, e as mídias se fizeram presentes nessa reorganização. Grupos teatrais aprenderam a fazer produções caseiras, centradas mais na dramaturgia do que nos cenários elaborados e nas iluminações caras. Educadoras e educadores, até mesmo aquelas pessoas que resistiam às mudanças, aprenderam a usar videoconferências e recursos remotos para lecionar. Quem antes era resistente ao comércio eletrônico, hoje o vê como indispensável. No campo eclesial, as discussões e os experimentos em torno do tema “mídia e igreja” agora não são apenas um recurso ou uma possibilidade, mas tornam-se urgentes e necessárias, principalmente para a vida celebrativa e litúrgica das comunidades de fé.⁵ Diante dessa necessidade e dessa urgência, lideranças, ministros e ministras, musicistas e liturgistas lançaram mão dos recursos de mídia para celebrar a vida, cuidar das pessoas e comunicar o Evangelho. Brotaram *lives* e transmissões de cultos feitos especificamente para veiculação pela internet.⁶ Apesar da urgência por ação, que migrou os cultos para as plataformas digitais, ainda é preciso perguntar: é possível celebrar um culto em rede? Ou ainda, em que medida é possível realizar uma celebração

⁵ Acerca desse debate recomenda-se o livro SBARDELOTTO, Moisés. *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado*. São Leopoldo: IHU/Unisinos, 2012.

⁶ Um exemplo disso são os cultos *on-line* disponibilizados no portal Luteranos da IECLB. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/noticias/transmissao-de-cultos-e-mensagens-em-tempos-de-coronavirus>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

realmente comunitária mediada pela internet? No intento de responder a essa pergunta, propomos, neste ensaio, o seguinte itinerário: iniciaremos pela contextualização de mídia, tecnologia e linguagem, para, então, pensarmos os elementos do culto *on-line*: o espaço, o tempo, o rito e a interação. Entendendo que esse não é um tempo de consolidação de fórmulas, analisaremos alguns exemplos de uso de tecnologia na celebração do culto, compreendendo como elas contribuem para a fundamentação de uma forma de enfrentar os desafios trazidos a nós pela atual pandemia.

Mídia, tecnologia e linguagem

A palavra “mídia”, que usamos no português, tem sua origem no termo em latim *medium*, meio, no plural *media*, meios. Entretanto, a palavra “mídia” é um aportuguesamento da palavra *media* do inglês e o sentido dessa palavra tal como nós a entendemos hoje também é proveniente do inglês, da expressão *mass media* ou meios de comunicação de massa.⁷ A mídia é, portanto, em linhas gerais, um meio de comunicação, de contato, de inter-relação. Há meios que possibilitam menor interação, como a TV, e outros que possibilitam maior inter-relação, como é o caso da internet. Independente disso, todo meio ou toda a mediação causa sempre uma mudança na interação. Ou seja, o meio de alguma maneira altera a mensagem a ser transmitida e conseqüentemente as pessoas interlocutoras. Além disso, é importante salientar que a tecnologia, enquanto meio, não é neutra, de forma que não possui apenas uma estrutura, mas uma direção, pois “os designers de objetos tecnológicos incorporam seus valores pessoais ou corporativos em seus dispositivos. Conseqüentemente, há uma direção embutida na estrutura dos artefatos tecnológicos”⁸. Como já nos alertou Neil Postman, em sua crítica ao domínio tecnológico sobre a cultura, todo artefato tecnológico possui em si um viés ideológico.⁹ Dessa forma, esses artefatos são capazes de criar “maneiras com as quais as pessoas percebem a realidade, e que essas maneiras são a chave para compreender diversas formas de vida social e mental”¹⁰. Sabendo disso, faz-se necessário não apenas saber usar as tecnologias, mas também entender o funcionamento do próprio meio para poder comunicar de forma mais efetiva e mais próxima, compreendendo as possibilidades oriundas do seu uso, mas mantendo es-

⁷ MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012; PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

⁸ “The designers of technological objects embed their personal or corporate values into their devices. Consequently, there is a direction embedded in the structure of technological artifacts.” SCHURMAN, Derek C. *Shaping a Digital World: Faith, Culture and Computer Technology*. Madison: IPV Academic, 2013. p. 15.

⁹ Cathy O’Neil narra o caso da escola MacFarland Middle School em Washington, que usa o sistema Impact assessment como ferramenta para avaliar professores. Tal sistema detecta professores com baixo desempenho que são posteriormente demitidos. Cathy O’Neil, uma severa crítica do Big Data, questiona em seu livro *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy* o potencial dos algoritmos para a ampliação da desigualdade social.

¹⁰ POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994. p. 31.

pecial atenção às limitações oriundas de toda e qualquer pré-formatação do meio. E essas questões também refletem na relação entre mídia e igreja.

De acordo com algumas compreensões teológicas e confessionais, podemos identificar três grandes formatos de uso da mídia no âmbito da igreja. O primeiro consiste na compreensão de que tudo que uma igreja faz no âmbito “off-line” ou presencial pode ser feito e vivenciado também no âmbito *on-line* da mídia. A compreensão intermediária entende que algumas atividades, principalmente aquelas mais relacionadas à transmissão de conteúdos e mensagens, podem ser midiaticizadas, enquanto outras, principalmente atividades relacionadas aos ritos, sacramentos e ofícios, bem como as interações humanas, podem ser transmitidas, mas não podem ser efetivamente vivenciadas por meio da mídia. Há ainda uma compreensão mais radical, que entende a mídia apenas como um recurso para informar e fortalecer as atividades presenciais da vida da igreja. Essa última parte de um equívoco que precisa ser superado, o da compreensão de que a comunicação e a interação pela mídia não é real. Ela é tão real quanto qualquer outra interação humana, mas acontece em um formato diferente, pois a comunicação midiaticizada tem sua própria corporeidade, espacialidade, temporalidade, ou seja, tem sua própria linguagem. Assim, dizer que não há comunidade na rede é algo difícil de sustentar. Não há uma comunidade fisicamente presencial, mas há, sim, uma comunidade real e presente, talvez mais ampla e abrangente que a comunidade que se reúne de maneira presencial física. É muito importante entender isso para planejarmos e organizarmos aquilo que será transmitido ou realizado pela mídia.

Tais compreensões teológicas e confessionais, entretanto, são também trazidas para o diálogo quando refletimos sobre o uso da mídia na igreja ou mesmo sobre a presença da igreja na mídia. Temos, nessa direção, um pensar da mídia a partir da teologia e um pensar da teologia a partir da mídia.¹¹ Isso significa que o uso ou não de mídias ou mesmo a existência ou não de uma igreja numa realidade midiaticizada é determinado também por questões teológicas, confessionais e eclesiológicas, que são problematizadas e rediscutidas e, inclusive, mudadas em momentos de crise. Pensando no trabalho ministerial, o cenário pandêmico atual nos leva a pensar naquilo que é o essencial, e a pergunta que deve nos orientar na vida comunitária e na igreja é o que precisa ser feito por meio da mídia.

Devemos entender que usar a mídia na igreja nessa situação não deveria ser apenas para cumprir a agenda ministerial da comunidade, mostrar trabalho, ou entreter e ocupar as pessoas com recursos e materiais. O essencial é comunicar o Evangelho a todas as pessoas como forma de cuidar da vida e ajudar a viver a partir da fé em Jesus Cristo nestes tempos de grande crise, angústia e medo.¹² Fazemos isso porque entendemos que o Evangelho é Palavra Viva que, em seu caráter operante e revelador, cria e mantém a fé, traz sentido para a vida, agrega pessoas, cria espaço para viver

¹¹ SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

¹² Comunicação do Evangelho é um conceito criado pelo teólogo protestante Ernst Lange, na década de 60 do século XX, na Alemanha. Ver a respeito em METTE, Norbert. *Einführung in die katholische Praktische Theologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005. p. 14ss.

a esperança, a justiça, a paz e o amor. Essa é a base e o ponto de partida para toda e qualquer discussão.

Na época da Reforma, a imprensa teve papel fundamental na mediação das novas ideias e do próprio Evangelho.¹³ Mais tarde, na era do rádio, as igrejas lançaram mão dessa mídia para comunicar a fé, meio que ainda hoje é amplamente usado em igrejas como a IECLB, por exemplo. Na era da TV, não foi diferente. A igreja eletrônica tornou-se marcante em vários locais, em especial nos Estados Unidos e também no Brasil. Com o advento da internet, na década de 1990, essa discussão sobre a mídia e a igreja se tornou ainda mais intensa por causa das mudanças na própria sociedade, mas também por causa da própria internet como novo meio. Diferente dos meios anteriores, a internet é um meio e uma tecnologia que perpassam o todo da vida. Isso é algo que observamos com facilidade na vida prática, como ir ao banco, fazer compras, buscar informações, entretenimento, relacionamentos etc. Tudo parece poder ser feito por meio da internet ou contando com seu suporte hipermediático.

Essas reflexões são importantes porque indicam aquilo que Marshall McLuhan problematizou na obra *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, ao afirmar que “o meio é a mensagem”¹⁴. Ou seja, a presença de determinado meio de comunicação, de tecnologia de informação em uma sociedade acaba sempre transformando essa sociedade, mudando hábitos, percepções de mundo etc. Assim, se toda a vida tem se midiaticizada, não seria diferente com a experiência religiosa, a vivência da fé e a participação na igreja.¹⁵ Assim, vale ressaltar que a discussão sobre essa relação também já é de longa data. Exemplo disso foi visto já na década de 1960, a partir do Concílio Vaticano II, quando a Igreja Católica lançou o documento *Inter Mirifica*¹⁶, que reflete e regulamenta os usos das mídias na igreja.

A internet e as mídias são mais que apenas um meio, são uma nova linguagem, uma rede, uma ambiência¹⁷, uma nova maneira de estar no mundo. Mais do que saber usá-la é preciso entender sua essência e seu papel na vida de hoje. Fala-se que a igreja do futuro será irreversivelmente também *on-line*. Talvez nós não consigamos imaginar o impacto dessa afirmação sobre a igreja do Futuro. Pode ser que, para algumas pessoas, isso seja tão inconcebível quanto ainda seja a educação à distância, ou casamentos e relações de afeto que têm início no Tinder, por exemplo. Entretanto, não há dúvida de que

¹³ BUDKE, Sidnei. *Mídia & religião: das portas da Igreja do Castelo de Wittenberg aos processos de midiaticização religiosa: desafios teológicos e pastorais diante das novas ambiências da palavra*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. PUNTEL, Joana T.; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma história à “Reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 350-364, jul./dez. 2017.

¹⁴ MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964. p. 21ss.

¹⁵ SBARDELOTTO, 2012, p. 5.

¹⁶ PAPA PAULO VI. Decreto *Inter mirifica*: sobre o empenho ecumênico. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_intermirifica_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

¹⁷ GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiaticização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. et al. (Org.). *Midiaticização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 17-30.

o mundo está sempre em constante transformação e, frequentemente, de uma maneira muito mais acelerada que as instituições humanas que compõem a sociedade.

Mídia e igreja na era da internet

Se partirmos da tese defendida por J. J. von Allmen de que o culto é o coração da vida da igreja, tudo que uma igreja faz parte de seu culto e retorna a ele.¹⁸ Dito de outra forma, a igreja pode prescindir de várias de suas atividades, grupos, projetos, mas não consegue não celebrar. Essa tese se tornou muito verdadeira nos tempos de pandemia e de isolamento social. Como não celebrar, por exemplo, a Páscoa, evento fundante da igreja cristã? E mais: justamente diante de tamanha crise humana e social, como a pandemia, como não anunciar a palavra de Deus, como não comunicar o Evangelho, como não orar em comunidade, como não cantar e lamentar? Diante dessas perguntas, outra deve ser retomada: é possível fazer da rede um meio para essa celebração litúrgica?

Essa pergunta, que serve como título deste artigo, pode ser um tanto ambígua à primeira vista e evidencia contrastes entre as compreensões que usualmente temos de igreja e de rede mundial de computadores, a internet. O primeiro contraste está justamente na ideia de igreja, isto é: de um lugar físico, “real”, em que as pessoas se reúnem num tempo predeterminado para celebrar e renovar sua fé. No imaginário comum das comunidades, a ideia de igreja remete a um templo ou a uma instituição religiosa, para daí, em última instância, remeter à ideia de povo. A concepção de igreja como templo, ou ainda, como instituição social, humana, organizada, que possui seus regulamentos, suas doutrinas e suas práticas, seguidamente se sobrepõe à noção teológica de igreja, construída a partir do seu caráter encarnacional, que a vê como povo que se reúne em comunidade para celebrar e viver a sua fé. Uma comunidade diante da presença do próprio Deus, num tempo em que “Cristo é experimentado como presente”¹⁹ por meio da proclamação da palavra e da celebração dos sacramentos.

O segundo contraste, por sua vez, está na ideia de rede, de internet, e de tudo o que essa ideia traz: a compreensão de que é um meio de comunicação, de que é um espaço que não pertence a ninguém, de que as pessoas não existem de fato na internet, já que a vida que se expressa na rede não é “real”, mas “virtual”. A ideia do espaço virtual como um não lugar ou como um lugar fora da realidade são resquícios de um tempo “não conectado”, dos primórdios da rede mundial de computadores, quando o ato de conectar-se envolvia um ritual que incluía o ruído característico dos modems da era da conexão discada. Hoje, essa noção não faz sentido, pois vivemos no que o filósofo Luciano Floridi definiu como a “era do onlife”. Fazendo uso da metáfora dos manguezais, no qual a vida se dá numa água salobra, fruto do encontro das águas de rios e do mar, Floridi explica que as barreiras entre “on-line” e “off-line” se desfize-

¹⁸ ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006.

¹⁹ WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 102.

ram, dando lugar a um estado híbrido. Então, da mesma forma como o manguezal se torna um “ambiente incompreensível quando observado da perspectiva da água doce ou da água salgada”²⁰, esse espaço híbrido já não pode ser lido por uma ótica exclusiva que categoriza algo como real (*off-line*) ou virtual (*on-line*).

Um terceiro contraste que poderíamos pensar reside, na verdade, na confluência existente entre mídia e igreja e, mais especificamente ainda, entre igreja e tipos específicos de mídia: jornal, rádio, televisão e, agora, a internet. Em todas essas mídias, encontramos vários exemplos de instituições religiosas que fazem uso desses meios para se tornarem mais presentes na vida das pessoas. E se considerarmos sobretudo a internet e todas as transformações sociais que ela trouxe a partir de sua chegada na década de 90 do século XX, podemos afirmar mais: encontramos instituições que não apenas fazem uso da rede, mas que, de fato, existem também na rede.²¹ Uma teologia contextual é sempre uma teologia em constante movimento, buscando compreender, interagir e mergulhar no mundo em que vivemos.

Assim, ser igreja em rede significa e requer uma profunda compreensão de outras linguagens (nesse caso, a linguagem das mídias e, em especial, da mídia específica de interesse) e saber se comunicar por meio dela. Isto é, não se trata apenas de conhecer a tecnologia ou de entender os signos, mas de perceber como os signos traduzem valores e como esses valores são articulados em seu uso comum. Em sua participação na *Missão*, a igreja precisa entender como as pessoas lidam com a mídia, ou seja, perceber como as pessoas interagem com essas linguagens. Falando de forma prática, um trabalho comunitário em tempos de distanciamento social deve partir da verificação de quais são as mídias mais recorrentes entre as pessoas participantes da comunidade e como elas compreendem e se compreendem por meio do uso dessas linguagens; isto é, como tais mídias impactam no cotidiano das pessoas. Nesse processo, um outro passo se soma: respeitar a linguagem dentro de seus próprios parâmetros. Como já afirmamos, cada meio, cada linguagem possui sua própria corporeidade, sua própria espacialidade, sua própria temporalidade. Dessa forma, um culto de uma hora de duração poderá funcionar presencialmente, mas dificilmente cumprirá seus objetivos quando simplesmente trasladado para o meio digital. A consequência disso pode ser um esgotamento psicológico significativo quando os parâmetros da linguagem digital não são levados em conta, distanciando-nos do objetivo de estabelecer uma comunidade em rede.²² Portanto uma celebração em rede exige pensar a liturgia não mais a partir do espaço físico, mas de um espaço virtual. É a partir dele que devemos fazer a pergunta pelo rito.

²⁰ FLORIDI, Luciano. “A era do Onlife, onde real e virtual se (com)fundem”. Entrevista concedida a Jaime D’Alessandro. *IHU on-line*. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593095>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

²¹ Conferir em CAMPOS, Leonildo Silveira. Igrejas cristãs brasileiras e cultura midiática: omissões, tensões e oportunidades. In: ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo: Sinodal, 2015. v. 1, p. 123-168.

²² A estimulação visual repetida e prolongada, a ausência de contato físico real e as dificuldades de conexão provocadas por uma sobrecarga de tráfego de dados durante a pandemia têm gerado uma forma nova de fadiga, apelidada de “fadiga Zoom”, referindo-se à principal plataforma de videoconferência do mercado.

Culto *on-line*: espaço, tempo, rito e interação, alguns exemplos

Partindo de um imaginário tradicional das instituições religiosas, temos resistência em acreditar que a transmissão de cânticos e mensagens por meio de uma plataforma digital possa substituir a experiência do culto comunitário, mesmo porque uma grande parte das transmissões que estão acontecendo durante a pandemia está pautada na busca por sanar momentaneamente a ausência dos encontros presenciais, sem pensar nos processos e possibilidades desse novo meio. Isto é, recorre-se a um processo de transliteração ao invés de a um processo de tradução. A criação de meras versões digitais para liturgias já conhecidas e institucionalmente legitimadas não sanará a ausência dos encontros presenciais e indicará uma insuficiência da virtualização, justamente por não ser uma tradução de linguagem como sinalizamos anteriormente.

Uma vez transposto o tempo da pura reação, em que os cultos foram digitalizados como uma resposta imediata ao isolamento, cabe pensarmos outro paradigma: o de termos a rede como meio e pensarmos o culto a partir dele. Se concordarmos com Freire, para quem o existir “é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele”²³, entenderemos que a existência humana é constituída de um incansável movimento de acréscimo, numa fome de novos saberes e novas formas de estar no mundo. Assim, pensar uma celebração em rede exige a superação da fase atual, a da pura reação, para que possamos pensar o culto por meio das plataformas digitais como uma outra forma de culto, que permite, por exemplo, contar histórias de uma forma particular, não possível presencialmente.

Na primeira década do século XXI, quando a internet ainda era 1.0, e as interações eram feitas apenas por hiperlinks e formulários, o pastor Rob Bell, fundador da Mars Hill Bible Church, fez uso das tecnologias da sua época e criou a série *Nooma*, potencializando a pregação por meio de recursos do cinema. Entre 2002 e 2009, ele dirigiu 24 breves vídeos (com duração de não mais que 20 minutos), nos quais a prédica ganhou uma nova conformação por meio da imagem em movimento e o texto teológico se transformou em *script*, seguindo a lógica da linguagem do cinema. Rob Bell pensou a pregação a partir do meio digital ao invés de buscar simplesmente a virtualização da pregação presencial.

A pregação cinematográfica de Rob Bell demonstra como os tradicionais métodos discursivo-dedutivo-explanatórios de realização da prédica podem ser substituídos por outros, centrados numa experiência indutiva e narrativa, que pensa a transmissão da mensagem ao mesmo tempo em que elabora um formato da prédica que leva em conta o modo como as pessoas recebem a obra. Nesse contexto, o conteúdo segue sendo importante, mas a forma e os métodos de construção de imagens se tornam fundamentais na transmissão da mensagem. Os sons e as imagens em movimento falam ao corpo, de modo que os afetos percebidos pelos sentidos da visão e audição demonstram que, a despeito de ser mediada tecnologicamente, essa prédica nos acessa enquanto seres datados e temporalizados, portanto encarnados.

²³ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 40.

Outro exemplo, mais contemporâneo, é o site *Bible project*²⁴, que criou uma forma didática e atrativa de fazer estudos bíblicos nos lares. São lições que unem *podcast*, infográficos, vídeos animados e orientações para leitura bíblica, fazendo convergir qualidades comunitárias “presenciais” e “digitais”. Ao invés de partir da noção tradicional de estudo bíblico, os idealizadores desse projeto fundamentam seu trabalho nas narrativas visuais, usando a tecnologia para tornar a história bíblica acessível às novas gerações. O resultado é o subsídio ao estudo individual das Escrituras e um forte investimento numa noção expandida de culto caseiro, no qual lares podem se conectar gerando uma rede de estudo bíblico.

Em muitas comunidades o canto comunitário se reinventou por meio de diferentes tecnologias e recursos. Musicistas isolados criaram ricas composições usando *samplers*²⁵, grupos se reuniram para cantar por meio de aplicativos como Google Meet, Jitsi Meet e Zoom ou, focados na melhor qualidade de captação de áudio, corais buscaram a sincronização de vozes por meio de aplicativos de edição, criando belos vídeos-mosaicos²⁶. Essa última opção permitiu que os corais fossem separados por naipes de vozes, o que deu às pessoas cantoras a possibilidade de cantar seguindo uma guia previamente gravada, normalmente um vídeo com a regência do próprio compositor, gerando, assim, arquivos que, posteriormente, são unidos formando um coro plenamente sincronizado, tanto em áudio quanto em vídeo. De modo síncrono ou assíncrono, o canto não deixou de estar presente, inclusive aproximando grupos de forma pouco usada nos tempos anteriores à pandemia. Isso nos faz notar que, além de pessoas musicistas, liturgistas e pregadoras, a pandemia deu destaque a outro grupo fundamental no funcionamento da vida comunitário: as pessoas ligadas à produção de mídias. Se antes esse grupo era visto como responsável apenas pelo registro e divulgação das atividades das igrejas, hoje é acolhido em muitas comunidades como parte do grupo de liturgistas.

Além de canais de popularização do canto comunitário, a rede tem sido usada para a criação de espaços para o estabelecimento de relações entre pessoas que partilham do mesmo dilema, manter o canto comunitário em tempos de pandemia. Um exemplo disso foi o webinar realizado em agosto pela *Global Mission* da ELCA (Evangelical Lutheran Church in America), no qual musicistas da América do Sul puderam testemunhar, conversar sobre suas preocupações e expor as músicas sacras que se relacionam com a realidade local, criando uma possibilidade de divulgação e

²⁴ Atualmente o projeto conta com 140 vídeos e 200 *podcasts*. Mais informações podem ser encontradas no site <<https://bibleproject.com>>.

²⁵ Surgido juntamente com os teclados analógicos, o *sampler* é um equipamento que armazena trechos de música, permitindo que sua reprodução e repetição sejam usadas pela pessoa musicista para criar linhas musicais complementares à apresentação ao vivo.

²⁶ Uma referência na criação do *Virtual Choir* usando o recurso do vídeo-mosaico é o compositor norte-americano Eric Whitacre, que tem o projeto de criar coros com pessoas que, a princípio, nunca se encontrarão presencialmente. Um exemplo pode ser acessado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V3rRaL-Czww>>. De forma mais simples, comunidades como a Paróquia Matriz da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) usou o mesmo recurso para dar qualidade ao canto comunitário em tempos de pandemia: <<https://www.youtube.com/watch?v=d4i-01fnfq8>>.

sensibilização para a riqueza musical expressa na vida das igrejas ao sul do continente americano. A proposta foi a de ampliar a riqueza musical presente nas comunidades luteranas ao redor do mundo, quebrando a hegemonia estilística europeia e norte-americana e possibilitando a emergência de novas vozes e estilos.

Os exemplos aqui citados nos mostram como o tempo e o espaço de celebração mediada pela rede se apresenta a nós cheios de potencialidades. Pensando hegelianamente, podemos dizer que a verdade é composta de um movimento dialético que parte de uma afirmação de uma tese, passando a sua negação, para, então, resultar na negação da negação, que promove a síntese necessária para compreender um fenômeno. A partir desse movimento, a tese da celebração em rede já foi negada ou, no mínimo, subestimada no período pré-pandemia. Quando o isolamento se impôs, ela foi afirmada, ainda que prioritariamente como virtualização do presencial. Agora cabe fazermos a síntese, olhando para a rede como um espaço com particularidades, que nos permite viver experiências comunitárias de outra ordem. Nesse contexto, devemos pensar o que de incorporado e encarnado há nos processos de interação digital. Como escreveu Rubem Alves, “quaisquer que sejam as realidades que me atingem, nada sei sobre elas, em si mesmas. Só as conheço como reverberações do meu corpo”²⁷. O distanciamento social trouxe-nos a necessidade de pensar o corpo e pensá-lo de forma ampla, em todas as suas ressonâncias. Assim, ao pensarmos as interações digitais a partir da noção de “onlife”, percebemos que, o que é vivido nas relações digitais, é sentido num corpo, numa carne plena de afetos, que afeta e se deixa afetar. Isso nos permite compreender que, mesmo mediada pela rede, ainda temos uma comunidade corporificada, de modo que tal mediação não significa uma virada gnóstica, de uma liturgia sem corpo, afinal, é no corpo que vivemos cada uma dessas experiências, mesmo as vividas por meio da rede, e é pensando também nela que devemos construir as novas liturgias.

Conclusão

No início de nosso estudo, partimos de um problema de pesquisa composto por duas perguntas norteadoras. A primeira delas foi se é possível celebrar um culto em rede. E nossa resposta é: sim! A segunda delas, “em que medida é possível realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet?”, é um pouco mais complexa e merece ser problematizada em estudos posteriores. Entretanto, é possível indicar aqui duas considerações fundamentais reveladas pelo nosso estudo.

É possível realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet, à medida que a igreja se percebe no meio digital não como uma projeção de sua existência física, mas sim como uma existência real em um meio que não se distingue de um meio “analógico” da realidade, mas que se interpenetra e se confunde, no século XXI, numa simbiose orgânica indissolúvel, numa tridimensionalização da própria realidade. O mundo não é real e virtual, como duas forças antagônicas e diametralmente opostas, ou como duas facetas paralelas que se conectam estratégica e

²⁷ ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 31.

pontualmente por meio de mídias. O mundo tornou-se simultaneamente real e virtual; ou melhor, o mundo é real-virtual. Logo, uma existência não se restringe a uma presencialidade física corpórea limitada a um tempo e a um espaço específicos, mas se estende a outras espacialidades, a outras temporalidades. O mundo humano criado, no qual a vida humana existe, é ele mesmo fruto e extensão do corpo.

Portanto, no cenário contemporâneo, uma igreja que se entende ou insiste em se entender puramente como “analógica”, estará fadada à extinção e ao esquecimento. Se teologia é movimento contextualizado contínuo, intrinsecamente vinculado à vida humana, e o mundo hoje é real-virtual, cuja terminologia composta é apenas didaticamente formulada aqui, é imperativo uma existência multiespacial e multitemporal. Isso não significa uma radicalização ou mesmo uma flexibilização de doutrinas, regras, mas sim uma adaptação de hábitos e práticas para novos tempos, considerando que Deus se faz presente onde duas ou três pessoas invocam seu nome (Mt 18.20).

É possível realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet, à medida que a igreja aprenda a linguagem digital. Não se trata aqui de transliterar doutrinas, dogmas, práticas, mas sim de traduzi-las para o novo mundo, considerando a gramática da linguagem digital, com seu tempo, seu ritmo, seu espaço e suas dinâmicas sociais. Isso não significa se anular ou abrir mão de princípios, mas sim de resgatar o princípio-mor da igreja: *Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo [...]* (Mateus 28.19-20), e, nesse movimento, encarnar um dom do espírito: a glossolalia, como previsto por Jesus Cristo em Marcos 16.17-18 e testemunhado em Atos 2.11.

Portanto é possível celebrar um culto em rede e realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet ao superar a dicotomia entre o que é *on-line* e *off-line*, para, assim, compormos uma liturgia marcada pela interatividade virtual e pelos afetos encarnados, entendendo que em nenhum momento nós desligamos do nosso corpo para estar num ambiente virtual. Isso afinará nossos ouvidos para escutarmos as demandas oriundas da rede, que muitas vezes sintetizam anseios vividos na solidão dos espaços de confinamento. Uma vez passada a urgência de socorro às comunidades em tempo de isolamento social, devemos passar à síntese, contemplando uma noção mais ampla de comunidade, para planejarmos as celebrações num mundo que aprendeu a diluir as barreiras entre o presencial e o *on-line*, apostando nas muitas formas de viver a encarnação.

Referências

- ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006.
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 4. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- BUDKE, Sidnei. *Mídia & religião: das portas da Igreja do Castelo de Wittenberg aos processos de midiática religiosa: desafios teológicos e pastorais diante das novas ambiências da palavra*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Igrejas cristãs brasileiras e cultura midiática: omissões, tensões e oportunidades. In: ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo: Sinodal, 2015. v. 1, p. 123-168.

- FLORIDI, Luciano. “A era do Onlife, onde real e virtual se (com)fundem”. Entrevista concedida a Jaime D’Alessandro. *IHU on-line*. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593095>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiática da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. et al. (Org.). *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação & midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem* (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.
- METTE, Norbert. *Einführung in die katholische Praktische Theologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.
- PAPA PAULO VI. Decreto *Inter mirifica*: sobre o empenho ecumênico. 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- PUNTEL, Joana T.; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma história à “Reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 350-364, jul./dez. 2107.
- PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SBARDELOTTO, Moisés. *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado*. São Leopoldo: IHU/Unisinos, 2012. (Série Cadernos de Teologia Pública).
- SCHUURMAN, Derek C. *Shaping a Digital World: Faith, Culture and Computer Technology*. Madison: IPV Academic, 2013.
- SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *Web 2.0: Redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.